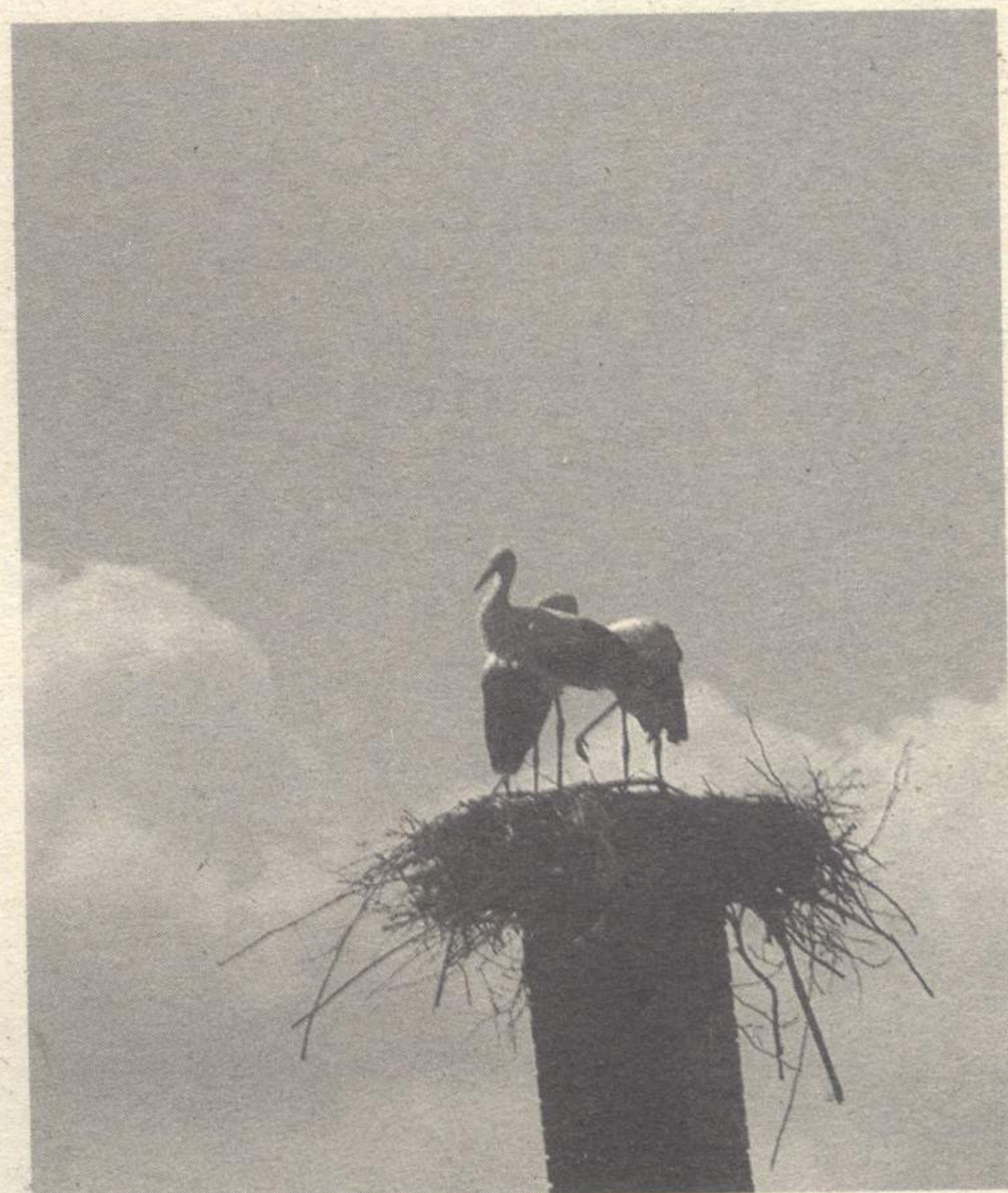


Um passeio polas

VEIGAS DA LIMIA



Soa o despertador, é cedo.

Abandono a quentura do piso de Xinzo e, tras um frugal almoço, monto no meu automóvel.

A manhã, algo fresca, invita a primavera. Enfio a estrada que vai para Celanova. Por umha beira vejo os campos despejados de vegetação e pola outra beira também. Enxergo umha basta chaira sem o abrigo dos carvalhos amigos doutrora, porque forom vilmente amputados polas escavadoras da concentração parcelária. Longas pistas rectilíneas abocam o asfalto polo que corro velozmente.

As casas de Vilar de Santos debujam-se na distância e á medida que me achego nom podo reprimir o arrepio que, cada vez que por aqui passo percorre as minhas costas

Lembro como um mundo de árvores autenticamente galegas foi aniquilado diante dos meus olhos, e como a minha impotência, prenhada de raiva, estantiamente viu no ano 1992 as máquinas da concentração arrasar com tanta vida; um esplendor natural que nengúm quadro dos que penduram nas paredes do museu da Límia é capaz de plasmar. Aperto o acelerador para fugir mais rapidamente desta desfeita ecológica traduzida em munhons de magníficas árvores chantadas num desolado deserto.

Quase sem dar-me conta o desacougo do meu corazóm converte-se em apaixonada alegria. Estou-me a adentrar nas primeiras touzas do concello de Rairiz da Veiga. A natureza sorri outra volta e os delicados gromos dos carvalhos dam-

me a venvida. A paisagem de rairiz conserva a beleza da disposição tracional de sempre, da Límia mil vezes estragada polas pás das escavadoras da conselheria. O concelho constitue um auténtico oasis no deserto limiao, o último reducto florestado de toda a planície límica.

Ao chegar á Saínza está "o castelo", construído que nom deixa de ser o calco dumha torre medieval sem hitória, pero que é a peza clave da romaria onde cada 24 de setembro os cristianos, com estrepidante aparato pirotécnico, vencem aos impios mouros.

Justo ao lado desta peculiar torre inicia-se a pista chamada da moureira que serve de límite para o espazo natural denominado, com pouco acerto, "Veiga de Ponteliñares" polas Normas Complementarias e Subsidiarias de Planeamento dictadas pola Xunta em 1991.

Aminorro a marcha por culpa dos buratos que inzam o caminho. Nom me importa, pois por umha beira vejo sebes de agarimosos carvalhos e pola outra também.

A presa hoje, neste roteiro, nom tem cabida. Paro o meu carro e, espreitante, achego-me á silveira próxima para observar o alentar da natureza.

Silenciosamente abro o cancelo e penetro naquela praza de labradio, naquela agra. A orientação dos sucos, a existência de cadabulhos e a colocação dos marcos significa que cada labrego tem o seu anaquinho, a sua leira.

Som, estas prazas, superfícies divididas em pequenas parcelas que em conjunto están arrodeadas de sebes

formadas por perímetros vegetais onde a maranha de silvas permite sobresair aos amieiros, aos bidos (bidueiras), aos encevinhos (acivros) e aos magestuosos carvalhos.

Ja no extremo destas terras de labor devo, para continuar, esgarzar a roupa e a pel no intento de traspasar a silveira que me impede o passo. Dou um último pulo e vou cair a umha avesia corredeira que em tempos percorriam os cantareiros carros acogulados de patacas e de erva. Seguindo um chisco por este



Em amplas comarcas limiás, as concentracións parcelárias foron aniquilando or arborado autóctono existente, convertendo a paisaxe nunha sucesión de pistas rectilíneas

velho carrucho atopo o portelo dum pasteiro que cruzo aginha, porque a ringleira de salgueiros e bímbios (vimes) que o delimita se me antolha um doado obstáculo para praticar umha carreira de saltos, hoje que me encontro tam atlético.

Com tudo, nunca fum desportista, e despois desta carreira preciso um pouco de merecido descanso. E que melhor que penetrar numha mesta curtinha para lle dar repouso ás minhas pernas?

Sentindo renger as follhas secas que forman unha grosa capa de humus, abandono a curtinha. Agora a humidade fai-se mais patente. Ando por um caminho que fai por me enterrar os zapatos no barro e, precavido, aproveito umha cana pousada no bulheiro a jeito de improvisada ponte.

Alto! Que vejo naquel recuncho? Pegadas.... parece a impronta dum lobo ou será dum cam grande. Nom, é a gadoupa dum lobo que ali ficou impressa. Um lobo solitário e taciturno que visitou estas veigas e a protecção do mato foi o consolo do seu peregrinar. Olho a espesura com certo temor, pois as histórias medonhas dos paisanos agolpam-se-me na cabeça. Bah! coitado bicho! Seguro que se me ve lisca mais espantado do que eu.

Continuo a minha marcha e atravesso a erva mol dos últimos prados emarcados por vetustos e esveltos freixos. De socate, perante mim, a veiga. Um espazo despejado que se abre em luz e cor. Umha chaira decorada em matices verdosos e adornada por milleiros de pequenas e pouco profundas pozas dá-me a entender que aqui a terra flota á deriva. Na linde desta lámina acuosa, enfronte de mim, adivinho o rio Límia e contemplo nas minhas lembranzas o seu manselinho pero firme discorrer.

Sento o meu cansazo numha sólida pedra. O meu estómago, erigido em Sancho Panza deste relato, comunica-me machaconamente que está valeiro. Tiro dos petos um anaco de pam e coa navalha debulho o queixo que como a trocinhos.

Um chio interrompe o meu ritual alimentício e subitamente cruza a minha visibilidade um raudo minhato. Así como apareceu esvae-se na distância.

Ao baixar a vista de novo albisco um bulto negro remejer-se num desdebuxado regato. Pito com excitação nom

dando creto aos meus olhos, porém a lontra está alí a escasos metros de mim e do meu bocadilho que fica esquecido na minha mao tremosa.

Rematado o refrigério e despedida a lontra, dirijo os meus passos cara um esguio carvalho que serve de plataforma para um velho ninho de cegonhas. Mentres, sentindo a lentura no meu calzado, saltam as rás e fugem os sapos espantados por este intruso chapoteador que racha a quietude das branhas. Pero eu nom som o único, xá que as vacas

e os cabalos que na veiga pacem fam escorrentar tambem as numerosas espécies de anfíbios que habitam estes humidais. A minha fantasia nom tem paria e desbocada converte aos batrácios em exércitos do general romano Décio Junio Bruto que, em contra do que di a versom tradicional, ao cruzarem o Límia esquecerom a sua pátria para viver felizes nestas terras palustres que contemham nas suas augas o elixir da vida eterna.

Regresso á realidade observando o principesco voo das cegonhas que me recebem amavelmente no seu reino fangoso no que se pousam gracilmente para esculcar co seu longo peteiro. Que indescritível espectáculo!

Absolutamente pampo deixo passar o tempo até que o frio dos pés avisa-me, descortés, que tenho os calcetins completamente enchupados e por tanto o retorno fai-se inevitável.

O dia tampouco dá ja para moito mais e o

catarro que me espera invita-me a apurar o passo.

Marcho triste e morrinhoso porque nom vim as avefrias, nem os sisons, nem as garzas. Tampouco tivem éxito cos falcons, cos gaviáns, coas noitaregas, coas.... coas 259 espécies de vertebrados que fam desta zona húmida o seu espazo vital.

Quando de novo entro no coche e quando de novo cruzo o estéril páramo da Límia concentrada, prometo-me solenemente que outro dia voltarei e mais outro dia, para gozar da vitalidade mágica que as Veigas de Rairiz emanam. No entanto rematarei este escrito coa esperanza de que o catarro seja levadeiro e sobre todo coa esperanza de que nunca, nunca, as escavadoras derramem a virginal beleza destas minhas veigas. ■



Estou-me a adentrar nas primeiras touzas do concello de Rairiz da Veiga. A natureza sorri outra volta e os delicados gromos dos carvalhos dam-me a venvida. O desacougo do meu corazón converte-se em apaixonada alegria.

Miguel A. Novoa

(Membro do MEL: Movimento Ecologista da Límia)